

CEL. MANOEL DE MORAES

ANDV 1 3196.1

CORREIO POPULAR

Domingo, 27 de março de 1977

Nasceu em Campinas em 17-março-1857

Faleceu em 27-março-1927.

Há meio século, exatamente no dia 27 de março de 1927, aos setenta anos e dez dias, falecida em Campinas o Coronel Manoel de Moraes, um dos homens de maior prestígio em nossa cidade na época.

Descendente de Barreto Leme, segundo se lê na «História da Fundação de Campinas», escrita pelo ilustre Comendador Teodoro de Sousa Campos Jr., Ensaio contido na «Monografia Histórica do Município de Campinas» o Coronel Manoel de Moraes foi figura de prol, fazendeiro de café, chefe político, Diretor da Companhia Mogiana, de Estrada de Ferro, tendo seu nome ligado aos movimentos políticos, filantrópicos e sociais de seu tempo.

RAIZES

De estirpe paulista era filho de Domingos Francisco de Moraes (1830-1913), também natural de Campinas, e de dona Antonia Joaquina Bueno de Moraes. Eram seus irmãos: Cel. Alberto de Moraes, casado com dona Francisca de Camargo Moraes; Cap. Antonio Carlos de Moraes Bueno, casado com dona Maria Leopoldina Leite de Moraes; Urbano de Moraes Bueno, casado com dona Joana de Queiroz Teles Moraes; Candido de Moraes Bueno, casado com dona Géssia de Queiroz Teles de Moraes; dr. Carlos de Moraes Bueno, formado em Direito, casado com dona Hercília de Queiroz Teles de Moraes; e dona Olivia de Moraes Florence, casada com o dr. Ataliba Florence, que era filho do cientista Hercules Florence e da educadora Carolina Krug Florence.

FAMILIA

O Coronel Manoel de Moraes nasceu em 1857 em Campinas. Em 22 de abril de 1876 casou-se com dona Amelia de Sousa Moraes, filha de Manoel Mendes de Sousa e de dona Candida Carolina de Sousa; viuvo, casou-se em 30 de julho de 1885 com dona Gertrudes de Sousa Moraes (1861-1935), campineira, filha de Antão de Paula Sousa e de dona Gertrudes Maria de Sousa. Deixou o Coronel Manoel de Moraes numerosa descendência: quinze filhos, muitos netos e bisnetos.

FAZENDEIRO DE CAFÉ

Ainda está por ser escrita a saga dos fazendeiros de café paulistas, autênticos desbravadores de invios sertões, plantadores da rubiáca, donos de propriedades enormes, onde o trabalho tinha a divisão e a organização de um pequeno reuado.

Eram homens ricos, afeitos à administração das lides rurais, apegados à terra, gente de muita altivez e coragem, vivendo em uma época em que "um fio de barba valia mais do que recibo firmado em cartório".

O Coronel era um deles. De porte atlético, olhos penetrantes, cabelos cortados à escovinha, bigodes e pe-

quena pera; não usava cavanhague, como o irmão Antonio Carlos, que no fim da vida era sócia perfeito de Washington Luis. Vestia-se muito bem, usava corrente de ouro com berloque atravessando o colete; fumava cigarros de palha, e era de uma honradez e distinção proverbiais.

Como os faendeiros abastados de então, possuía além da propriedade rural (Fazenda Bonfim, no Bairro de Descampado), grande casa na cidade, na rua Barreto Leme, atrás da Matriz Velha, que ainda não era Basílica do Carmo.

Q Coronel governava sua propriedade rural com tino e visão. A Casa Grande era enorme e toda branca com terraço e grande jardim; o mobiliário de puro estilo colonial, exceto o piano que viera da Alemanha. Em torno, os grandes terreiros de café, as benfeitórias, as invernadas, os bosques, os lagos, que o povo chamava "tanques" e onde havia até jacarés.

Com as colheitas de café, ele sustentou a família numerosa, fazendo os filhos estudar no Colégio São Bento, e as meninas no Colégio do Patrocínio, em Itau. Eram tempos de fartura de religiosidade profunda, de obediência mais perfeita e mais sincera à palavra dada, à honestidade e à finura de maneiras.

A aristocracia rural distinguia-se também pela oporiedade, pelos costumes rígidos, pelo respeito à religião. Os homens eram varões íntegros e tementes a Deus; as senhoras, donas de casa e mães exemplares. Muitas famílias mandavam vir da França, Inglaterra e Alemanha preceptoras para os filhos menores. E a vida era uma esplêndida luta vitoriosa.

SUPERIORIDADE DE CAMPINAS

Em "A Terra Campineira" os professores Hilton Federici e Antonio Cristofoletti estudam as bases físicas e o desenvolvimento de Campinas, concluindo que foi o aproveitamento metódico e cumulativo das excelentes condições físicas, a razão do crescimento e desenvolvimen-

to da cidade e do Município de Campinas. É evidente que as condições naturais nada significam e só ganham valor em função da utilização que lhes dá o homem.

É o caso do Cel. Manoel de Moraes, que dispunha de terras férteis soube delas fazer uma grande Fazenda, regada com o suor de seu trabalho e iluminada pelo seu natural bom senso e aguda visão.

UM HOMEM LABORIOSO

Ao lado de sua lide fazendeira, ele soube desenvolver outras muitas atividades, impulsionadores de progresso. Foi durante muitos anos, a até sua morte, Presidente da Companhia de Estrada de Ferro Mogiana, construída com as contribuições dos homens de prol da época, gente que percebia claramente a importância das vias de comunicação, como caminhos do progresso e vias de escoamento de seus produtos agrícolas.

E mesmo já adeantado em anos, mas rijo como um fequitibá de boa cepa, fazia longas viagens de inspeção, tendo chegado a Goiás e Paraguaçu.

INFLUENCIA POLITICA

Presidente do Diretório do antigo P.R.P., o Cel. Manoel de Moraes viveu na época histórica em que as despesas corriam por conta dos membros do Diretório, sendo os cargos políticos lugares de real sacrifício e postos de honra. Nenhum daqueles sículos e conspícuos senhores jamais aceitaria qualquer remuneração por serviços prestados à cidade, ao Estado ou ao País.

Ao contrário, custeavam os gastos, por venturo surgidos, e isto lhes era ponto de honra. Por isso, muitos entraram ricos para a lide política, e dela saíram empobrecidos.

HOMEM DE BEM

Todas as instituições de benemerência da época, em nossa cidade, trazem a marca de sua presença inconfundível.

Foi, por largos anos, Provedor da Santa Casa de Misericórdia e seu retrato ainda se conserva no salão pobre desta instituição. Aliás a saudação oficial de agradecimento por esta honraria, foi profêrida pelo seu ilustre filho Desembargador Antão de Sousa Moraes. A Santa Casa tem sua vida ligada ao trabalho de grandes campineiros, que se orgulhavam de servi-la em vida, e a acumulavam de doações em seus testamentos.

O Coronel ainda ajudou a fundação e manutenção do antigo Asilo de Inválidos (hoje Lar dos Velhinhos) e da Maternidade de Campinas, e de todas as obras e movimentos assistenciais de seu tempo.

AMIGOS

O Coronel teve numerosos amigos, cujos nomes hoje figuram nas páginas da histó-

ria da cidade; Bento Quirino dos Santos, que também era seu compadre; Campos Sales; Francisco Gilcério; Carlos Stevenson, Castro Mendes, J. Paulino Nogueira, Antonio Alvares Lobo, Joaquim Teixeira, Horácio Costa, Austero e Severo Penteado, Rafael Duarte, Celso Rezende, os Barões de Paranapanema, e tantos mais.

Sua morte abalou Campinas na época. E em sua homenagem até os cinemas fecharam.

PERFIL EM LARGOS TRAÇOS

Alguns anos após sua morte, a Santa Casa inaugurou-lhe o retrato no salão nobre. Quando o dr. Carlos Francisco de Paula, lente do Ginásio do Estado, traçou-lhe o perfil em um discurso magnífico, do qual extraímos alguns trechos:

"Falar do homenageado a um auditório constituído de campineiros, de nascimento ou de coração, é repetir o que está bem nítido na consciência de todos, pois que ainda perdura muito viva a lembrança daquele cidadão realmente exemplar, cuja vida o exalçou à estima, à admiração e à benemerência pública.

Pertencente à velha e tradicional estirpe paulista, reunia ele as virtudes da raça: a energia do forte à lealdade dos espíritos nobres, a firmeza de caráter à bondade de um grande coração, aquela mesma bondade tão espontânea que é bem o estalão da grandeza moral de um homem...

Na alta administração de sociedade anônimas, na vereança de sua cidade natal, nas lides de adeantado agricultor a que se prendeu desde moço, era sempre o mesmo homem de rija têmpera em orientar seus atos pelas normas da justiça e da mais estrita probidade. Não faltava às exigências do cargo, embora muitas as vezes com sacrifício da saúde, dando o exemplo da assiduidade ao trabalho e do exato cumprimento do dever. Fazia parte da falange de homens, hoje em dia cada vez mais diminuta, que se acham compenetrados do sábio conceito do erudito Padre Manoel Bernarde que não há modo de mandar ou de dirigir mais forte, e ao mesmo tempo, mais suave do que o exemplo...

A dedicação do saudoso Provedor Manoel de Moraes pela Santa Casa é bem o coroamento de sua vida de homem de bem, de exemplar chefe de família, de um grande coração, iluminado pelo mais nobre espírito de amor ao próximo. Seu nome será venerado pelos pósteros e sua vida apontada como um exemplo a seguir...



Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayuva”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Braulio Gomes”, a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que sai da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Travessa da Abolição); — “Rua Dr. Melchert”, a rua Travessa da Buarque de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Guedes Barreto”, a travessa que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Leme”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Betim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, travessa da Paulã Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua paralela á Fumilense e Buarque de Macedo, no Guanabara; — “Rua José do Patrocinio”, a rua marginal á Fumilense, no Guanabara, paralela á Col. Moraes; — “Rua D. Anna Eufrosina”, a rua 1.ª paralela á 1.ª de Março, no Guanabara, entre Buarque de Macedo e Fumilense; — “Rua Dr. Buarque de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florence e Raphael Sampaio; — “Rua Mac-Hardy”, a rua n.º 2 do arruamento Picolato; — “Rua Elias de Souza”, a rua paralela á Salles Oliveira, no começo do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Picudo”, a rua situada entre a Avenida do Pará e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — “Travessa Maria Monteiro”, a travessa paralela á rua Americo Brasileiro.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o cumprimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e faga cumprir tão inteiramente como nelle se contém.

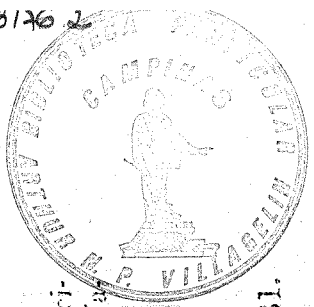
Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

O Secretario,

Anilar Alves.



ANV 1 3/36 2

ACTO N. 23

(Denominação de ruas)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve :

Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora-avante, assim denominadas :

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª paralela á Rua Dr. Emilio Ribas, no Cambuby, vulgarmente chamada rua Boa Esperança; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua paralela á rua Paula Bueno, no alio do Taquaral; — “Rua Barão de Pirapitingy”, a rua que fica paralela á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª paralela á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibianga”, a rua 8 da Villa Industrial, paralela á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — “Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampaio”, a rua hoje denominada Travessa Sampaio, na Villa Póvoa (Cambuby) paralela á Barreto Leme; — “Rua Americo Brasileiro”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Cintra”, a rua que fica entre José Paulino e Hercules Florence; — “Rua Falcão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florence; — “Rua Barata Ribeiro”, a que da Av. D. Libanio vai á Itapura — 1.ª paralela á rua do Sacramento; — “Rua Diogúinho”, á rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuby; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª paralela á Barenza Geraldo de Rezende — da rua Carolina Florence á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª paralela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Lupa”, a 2.ª paralela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua paralela á Estrada de Ferro Mogyana — Começa na rua Salustiano Penteado, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Fumilense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bon Retiro, na Bela